

# Indivíduo, classe e experiência na trajetória de Lula

Individual, class and experience in Lula's trajectory

Murilo Leal Pereira Neto\*

**L**ULA E A POLÍTICA DA ASTÚCIA: de metalúrgico a presidente do Brasil, a biografia de autoria de John French, publicada pela editora Expressão Popular e pela Fundação Perseu Abramo, em 2022, é um trabalho de grande fôlego, com suas 686 páginas e 19 capítulos (incluindo a conclusão e um pós-escrito) e incorpora uma contribuição original ao conhecimento das ciências sociais sobre um conjunto amplo e intrincado de problemas teóricos, políticos e de interpretação. A principal questão, claro, é compreender “como Lula —um homem agora conhecido mundo afora apenas pelo seu apelido— ascendeu de seu *status* de migrante rural pobre em São Paulo, para virar um metalúrgico, um dirigente sindical grevista e um político de esquerda radical antes de finalmente chegar à presidência?” (p. 25). Esta pergunta, porém, não vem sozinha, mas articulada com outras em um abrangente projeto de pesquisa que, podemos arriscar, busca a renovação da história social do trabalho e da historiografia brasileira, tomando o rumo de uma “virada biográfica” (p. 631). As respostas oferecidas pelo autor iluminam principalmente três áreas de estudos: a do papel do indivíduo na história; a da formação das classes (por meio do estudo da formação dos metalúrgicos do ABC como sujeito coletivo); e a do papel político da classe operária brasileira em processos históricos decisivos, como o golpe de 1964 e a transição democrática de 1974 em diante.

Na busca de sintetizar a excepcional contribuição de French e, ao mesmo tempo, dialogar com ela a partir de minha experiência de pesquisa, esta resenha está organizada nos seguintes tópicos: comentário sobre fontes escritas e visuais; apresentação dos referenciais teóricos do autor; exposição das principais contribuições da obra para as áreas de estudos acima mencionadas; considerações finais.

---

\* Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), do Módulo Compreensão da Realidade Brasileira, na graduação em Osasco, e do programa de pós-graduação em História, em Guarulhos. Autor do livro O voto e a vida: democracia, populismo e comunismo nas eleições de 1954 e 1962 em São Paulo. E-mail: mlealpereira@terra.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8013-8007>.

**As fontes** - O autor mobilizou um conjunto amplo de fontes primárias, algumas delas ainda não utilizadas, e uma vasta e variada bibliografia, promovendo diálogos, polêmicas e incorporações críticas de trabalhos de antropólogos, filósofos, historiadores, jornalistas, sociólogos e cientistas políticos. Quanto às fontes primárias, os relatórios do Serviço Nacional de Informações (SNI) sobre as greves do ABC possibilitaram, por exemplo, quantificar, a partir de dados fornecidos por funcionários das próprias empresas, o número de grevistas por empresa nas paralisações de março de 1979 (p. 473). Outros relatórios da mesma agência referem-se às atividades de Frei Chico, o irmão de Lula, como militante do PCB, e deram consistência ao instigante capítulo “Um conto de dois irmãos”. French também usou criativamente fontes secundárias, fazendo-as funcionar como se fossem primárias, como no caso dos dados da pesquisa do sociólogo Luiz Pereira, realizada entre 1958 e 1959, em uma escola pública no bairro de Utinga, em Santo André, região próxima à Vila Carioca, onde a família de Lula instalou-se após deixar a casa do pai em Santos (pp. 96-97). A partir dessa pesquisa, além de outras fontes, French constrói categorias analíticas-chave para seu trabalho, como “estigma” e “astúcia dos fracos”. Cabe chamar a atenção para a qualidade do conjunto de fotografias apresentado. Indo além do meramente ilustrativo, os olhares sérios, tristes e desafiadores da família Silva na praia (p. 87) nos interpelam do fundo de uma história de sofrimentos e estigmatização; a imagem de Lula em sua formatura no Senai (p. 109) complementa com vivacidade o que o autor analisa sobre o papel daquela instituição na história do Brasil e do futuro presidente; e o flagrante de Lula e Marisa no meio da “peãozada”, na greve de 1980, amplia nossa percepção do que diz o texto sobre a relação entre a reconstrução da categoria “peão” como uma condição digna e a “autoinvenção” do próprio Lula como “líder carismático” (p. 496).

**Referenciais teóricos** – Em diversas passagens, French vai explicitando sua visada teórica, quando, por exemplo, esclarece que, “ao adotar o caminho da biografia, este livro rejeita, ao mesmo tempo, uma narrativa excessivamente individualista na qual a história pessoal de Lula é apartada da história de relações com outras pessoas” (p. 28). Trata-se, portanto, de “adotar um novo e ambicioso foco de pesquisa: as especificidades biográficas da liderança de Lula como uma ilustração de como amplas estruturas sociais e processos históricos se cruzam com a ação humana e a práxis política” (p. 35).

Selecionando o que nos parece mais importante dos debates desenvolvidos por French com autores que trataram do papel do indivíduo na história no pós-escrito teórico *Rumo a uma virada biográfica*, destacaríamos os seguintes momentos. De Leon Trotsky, French traz a discussão sobre o papel de Lênin na Revolução Russa. Pode-se dizer que, na rigorosa reconstrução da “autoinvenção” da personalidade de Lula como liderança sindical e política, French segue a sugestão do revolucionário russo, segundo o qual “líderes não são criados acidentalmente [...] [mas em vez disso são] gradualmente escolhidos e formados ao longo das décadas [...] e não podem [portanto] ser

caprichosamente substituídos” (p. 634). Essa linha de reflexão, injustamente etiquetada como “em conflito” com a própria “ortodoxia marxista” do autor da *História da Revolução Russa*, é elaborada de forma consequente por Trotsky na crítica à visão um tanto mecanicista de Plekhanov em seu *A propósito do papel do indivíduo na história*. Segundo este último, os indivíduos podem apenas retardar ou acelerar a realização da necessidade histórica, ao passo que, para Trotsky, sem Lênin, provavelmente a Revolução Russa seria derrotada e a história do século xx seria outra. A intensidade das preocupações do pensador russo com a questão pode ser avaliada por seus projetos dedicados às biografias de Lênin (do qual conseguiu concluir apenas a primeira parte, *A vida de Lênin, sua juventude*, de 1936); de Stalin, o que gerou um livro em dois volumes, escrito entre 1938 e 1940; e à sua própria, o *Minha Vida*, de 1929. De Engels, French incorpora o modelo do evento histórico como resultante das interseções entre uma “série infinita de paralelogramos” cujo resultado “sempre surge de conflitos entre as vontades de muitos indivíduos, das quais cada uma, por sua vez, tornou-se o que é a partir de um conjunto particular de condições de vida” (p. 642).

Mas é no diálogo com os trabalhos de Sartre, Marshall Sahlins e Emília Viotti da Costa que o biógrafo de Lula constrói o “núcleo duro” de seu modelo teórico. De Sartre, French desenvolve a ideia de liberdade dos agentes humanos contida na proposição lapidar do existencialismo: “você não é o que a sociedade fez com você; na verdade, você é o que você faz com o que foi feito com você”. Em perspectiva semelhante, em fecunda interação com ideias propostas por Sahlins em *História e cultura: apologias a Tucídides*, French rejeita os maniqueísmos que opõem “a ordem cultural e a atuação individual”. O livro, significativamente, se encerra com uma citação de *Coroas de glória, lágrimas de sangue*, de Viotti da Costa, em que é criticado o uso de categorias históricas reificadas pelos historiadores (“abolicionismo”, “protestantismo”) e ressaltada a importância de se compreender como as pessoas interagem, pensam e agem sobre o mundo (p. 642).

**Principais contribuições** – Uma das realizações admiráveis do trabalho é a reconstrução dos vários contextos de formação e socialização do sujeito, dos mais restritos aos mais abrangentes, e de sua interação viva, num processo político, cultural e psíquico de subjetivação e ação. No percurso, vai surgindo um novo vocabulário analítico em que expressões familiares ganham novo alcance e conotações: “estigma”, “teimosia”, “ambição”, “felicidade” e, principalmente, “astúcia” e “carisma”.

Na constelação familiar, Lula é o eleito para o investimento das ambições maternas de vencer na metrópole, realizadas pelo filho à sua própria maneira, contra a rejeição à militância sindical e política conservada pela família. Ainda no contexto familiar, com Frei Chico constitui-se a díade “operário bom moço” x “operário rebelde”, cheia de tensões e trocas, que se resolve na “revolução mental” experimentada por Lula entre 1975 e 1978, após a prisão, o desaparecimento temporário e as torturas sofridas pelo irmão (p. 393).

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, por sua vez, é analisado como uma “esfera pública da classe trabalhadora”, na qual Lula pôde autoconstruir sua formação, participando de “inúmeros cursos” sobre assuntos como “relações entre empresas e trabalhadores, leis de previdência social e o sistema FGTS”, além de um curso de oratória na Faculdade de Direito da USP (p. 317) e, principalmente, desenvolvendo uma profunda relação com os metalúrgicos “de base”. A entidade, como meio e contexto, por sua vez, é analisada no movimento de mudanças pelas quais ela mesma passava em meados dos anos 1970, inicialmente sob a liderança de Paulo Vidal —o presidente que antecedeu Lula, foi vice-presidente do MDB local e defendia o contrato coletivo de trabalho e a livre negociação entre operários e patrões, sem a tutela do Estado.

A Grande São Paulo, em seu processo de crescimento industrial dos anos 1950 a 1980, constitui um contexto mais abrangente do que a família e o sindicato, portando promessas de mobilidade e realizações em que “a sorte parecia real e a ambição poderia prosperar”. Aqui, French desenvolve uma de suas teses mais instigantes, a do encontro entre a juventude universitária uspiana e os trabalhadores fabris. Na verdade, uma relação íntima e conflituosa entre uma *intelligentsia* operária, formada por trabalhadores manuais especializados, que aprendiam a operar um maquinário moderno importado, e uma *intelligentsia* universitária, que aprendia a pesquisar importando categorias e conceitos para entender a dinâmica da modernização industrial em uma grande metrópole da periferia (p. 106). O ímpeto social, cultural e político desse encontro foi encarnado nas trajetórias de Lula e Fernando Henrique Cardoso.

Nesse percurso investigativo, ganha relevo a interpretação da formação de Lula como torneiro mecânico no Senai, ponto de confluência entre o sonho familiar de realização social e a utopia modernizante de “educação integral” para o trabalho e a cidadania, acalentada por uma tecnocracia ilustrada, representada pelo engenheiro suíço naturalizado brasileiro Roberto Mange, primeiro diretor da entidade (p. 128 e 131).

Finalmente, as greves de 1978/1980 vão projetar o líder dos “peões do ABC” no contexto nacional da abertura iniciada por Geisel em 1974:

As imagens sem precedentes da Vila Euclides foram projetadas mundialmente por jornais brasileiros que tinham recentemente escapado da censura como parte das novas medidas liberalizantes do governo, que incluíam uma anistia geral, o retorno dos exilados e o fim do regime bipartidário. Muitos brasileiros ficaram fascinados pelo que eles enxergavam como um verdadeiro “teatro de democracia”, com o presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, de 33 anos, atuando como protagonista (p. 478).

**Algumas considerações** – Apesar do modelo teórico nos prevenir contra o perigo de uma excessiva atenção ao biografado, em alguns momentos ficamos com a impressão de que a *experiência* da classe operária ou, pelo menos, de seu movimento mais organizado foi um pouco secundarizada, sendo apresentada de maneira unilateral a relação entre classe

e representante, “criatura” e “criador”. Por exemplo, a atribuição do projeto da greve geral metalúrgica de 1979, “em boa parte a uma ideia louca que Lula e seus companheiros de diretoria tiveram enquanto assistiam o Corinthians jogar no Estádio do Morumbi” (p. 458), deixa de lado o fato de que o ciclo de greves iniciado na Scania de São Bernardo, em maio do ano anterior, se estendeu, numa sequência contínua, para São Paulo, Osasco e Guarulhos, perdurando até outubro daquele ano, culminando com a primeira greve geral metalúrgica após 1968, que ocorreu em São Paulo, capital, nos dias 30 e 31 de outubro e 1º de novembro de 1978 (em Osasco, a greve se manteve até o dia 7 de novembro). Essa campanha teve início com assembleias de 20 mil operários em São Paulo, 3 mil em Osasco e mil em Guarulhos, no dia 27 de outubro,<sup>1</sup> e encerrou-se, em São Paulo, com outra assembleia, com presença de 30 mil grevistas na rua do Carmo, no dia 31 de outubro, suspensa por Joaquim dos Santos Andrade, alegando “infiltração política de pessoas estranhas à categoria”.<sup>2</sup> Portanto, a experiência de fazer greve geral metalúrgica e convocar assembleias massivas havia começado antes de Lula ter sua “ideia louca” durante o jogo de seu time do coração.

O projeto de formação do PT, por sua vez, parece ser atribuído a uma aspiração de Lula, ou pelo menos tal vontade e iniciativa não são adequadamente contextualizadas na experiência coletiva de um conjunto amplo de sujeitos. Após mencionar as “insurgências operárias em ebulição”, French assevera: “como relembra Betão, foi durante a greve de 1979 que Lula começou, em pequenas reuniões sindicais, a sugerir que ‘nós temos que ter um partido político’, embora ele reconhecesse que a maioria não queria ouvir falar disso” (p. 510). A iniciativa de Lula estava inscrita no fluxo de uma *experiência operária* muito abrangente. Cabe lembrar que, em janeiro de 1979, dois meses antes da greve no ABC, reuniram-se na cidade de Lins 37 sindicatos no IX Congresso dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo. Entre as 107 teses aprovadas, uma referia-se ao lançamento da “semente para a instituição de um partido político dos trabalhadores, uma vez que nós temos elevada importância na vida social brasileira e temos sido marginalizados de uma efetiva participação política diante da atual conjuntura política e econômica do país”.<sup>3</sup>

A discussão sobre a formação de um partido de trabalhadores estava posta na conjuntura, Lula foi um de seus intérpretes. Até Joaquim dos Santos Andrade, em entrevista publicada pela revista *Veja*, poucos dias depois da greve geral metalúrgica de outubro de 1978, ao ser indagado pelo jornalista Sergio Sister se “um partido dos trabalhadores estaria, então, em seus planos no quadro da abertura política”, respondeu: “Em todo caso, está em meus planos a formação de um partido político, pois sou contra o bipartidarismo”.<sup>4</sup> Em

1 METALÚRGICOS decidem greve. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 27, 28 out. 1978.

2 AQUI, a entrevista do nosso presidente ao jornal *O Estado de S. Paulo*. **O Metalúrgico**, São Paulo, n. 268, p. 4, nov./dez. 1978.

3 METALÚRGICOS de São Paulo se reúnem em Lins e decidem sobre a criação do partido operário, contrato coletivo e direito de greve. **O Metalúrgico**, n. 269, p. 6, jan./fev. 1979.

4 SISTER, Sergio. Entrevista Joaquim dos Santos Andrade – “Sou da meia-esquerda”. **Revista Veja**, 15 nov.

assembleias metalúrgicas de São Paulo, realizadas em abril e maio de 1979, oradores pediam a palavra para defender a necessidade de “um partido operário sem patrões” e mesmo de um “Partido dos Trabalhadores”.<sup>5</sup> A própria trajetória de Lula como sindicalista e líder político realiza projetos forjados na experiência operária de anos anteriores, abortados pela repressão ou por conjunturas desfavoráveis, como foram as candidaturas de Remo Forli (presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo) a vice-governador do estado pelo PSB, em 1962, e a de Geraldo Rodrigues dos Santos, o portuário comunista negro, eleito o segundo deputado federal mais bem votado, no mesmo ano, pelo PTB, cassado pela Justiça Eleitoral. Isto sem falar nas lideranças metalúrgicas de São Paulo eleitas **já em 1982 pelo PT: Djalma Bom (federal), José Cicote, Expedito Soares e Anísio Batista (estaduais)**. Lula, portanto, realizou possibilidades de que era portador o movimento operário em sua experiência coletiva.

Finalmente, cabe observar que o autor optou por concentrar sua atenção na primeira metade da vida do biografado, considerando que nesses primeiros dias está a chave para compreender seu aprendizado político. Com efeito, no capítulo 15, a partir da seção “Como o Lula do PT finalmente alcançou a presidência”, o texto dá um salto da campanha de 1989 para a posse de 2003, o que gera o seguinte problema de análise política: será que algumas categorias desenvolvidas para a compreensão da trajetória do Lula sindicalista e fundador do PT têm o mesmo alcance explicativo para sua atuação como presidente? A “política da astúcia” não pode ser desastrosa em contextos mais complexos, como o envio de tropas para a Missão da ONU no Haiti, visando à entrada no Conselho de Segurança e propiciando recursos para um projeto golpista a militares como Augusto Heleno, Fernando Azevedo e Silva, Tarcísio de Freitas e Carlos Alberto dos Santos Cruz?

O mesmo se pode pensar em relação à conexão “coração a coração com indivíduos superiores”, desdenhada, segundo French, pela esquerda marxista (p. 436). No contexto da irrupção grevista e da reabertura democrática de 1978, os vínculos pessoais criados entre Lula e o governador Paulo Egydio Martins, o empresário Paulo Bardella ou o comandante do Segundo Exército Dilermando Monteiro podem ter propiciado canais de diálogo, fechados pela via institucional, e protegendo o movimento. Já o tratamento dado a George Bush como “companheiro Bush”, por exemplo, certamente não cumpriu a mesma função e parece, no mínimo, um profundo equívoco.

Concluindo, cabe ressaltar que o trabalho de French, ancorado em seus 40 anos de pesquisas sobre classe trabalhadora, populismo e a dinâmica das mudanças no Brasil do pós-guerra, se impõe com análises inovadoras. Sua leitura torna-se, daqui para a frente,

---

1978. Recorte do acervo do Centro de Memória Sindical. Caixa Ca01 – Metalúrgicos de SP – Recortes de jornais – 1977-1981.

5 Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânica e de Material Elétrico de São Paulo, realizada em 27 de abril de 1979 – Livro de Atas n. 10, p. 124. Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânica e de Material Elétrico de São Paulo, realizada em 18 de maio de 1979 – Livro de Atas n. 10, p. 138-verso.

obrigatória para temas como a formação das classes como sujeitos coletivos; o papel das lideranças e do carisma nesse processo (e de Lula no caso brasileiro); o golpe de 1964 e a importância determinante das greves metalúrgicas na transição democrática dos anos 1970. Cabe às leitoras e leitores encontrarem por sua conta, parágrafo a parágrafo, as descobertas e criações do autor, refletir sobre elas, incorporá-las ou polemizar com elas.

Recebido em: 17/11/2023

Aprovado em: 25/11/2023